

☆ ALCORÃO ÁRABE ☆

Col. FREUD 24 Vols - De R\$1.100 Por R\$748!
 1. ALCORÃO SAGRADO - ÁRABE - PORTUGUÊS - Encadernado c/ Correlatos -
 2. A TORRÃO COMENTADA - HEBRAICO-PORT. - 5 Vols. - Encadernado - RARA!
 3. TRATADO da História Naval do Brasil - 10 Volumes - RARIDADE - Ligar Agorá!
 4. VILGATA - Bíblia com Antigo e Novo Testamento em LATIM - Encadernado -
 5. ZOHAR - A Kabbalah Hebraica e sua Tradição - RARA - 5 volumes - Importado!
 6. HISTÓRIA DAS CRUZADAS - 3 Vols - de 1000 páginas - PROMOÇÃO!
 7. HERANÇA JUDICA - 10 Volumes - Preciosidade - Vários Autores - Completo!

Fs: (51) 3022-8989 - 9242-3387
+ de 80 ANOS DE QUALIDADE !!
 ☆ LYVROS PRECIOSOS ☆

*Em uma edição especial, totalmente dedicada à
 7ª Bienal do Mercosul, ZH apresenta a exposição,
 que se ancora na energia crítica dos artistas*

☆ MAÇONARIA LYVROS ☆

1. DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA MAÇONARIA - 4 Vols - RARO - + 1.200 Págs -
 2. HISTÓRIA DOS HEBRÁIOS - Flávio Josefo - CLÁSSICO - TEXTO COMPLETO - ENC -
 3. O PAPEL NEGRO - JESUITAS, SEUS SEGREDO E SEU PODER - RARO - Ed. Glóbs -
 4. HISTÓRIA DAS CRUZADAS - 3 Vols - 1.500 Páginas - O Segredo dos Templários -
 5. ZOHAR COMPLETO ENCADERNADO - 5 Vols - As Raízes da Kabbalah - RARIDADE!
 6. Kabbalah ALBERT - O SIMBOLISMO HISTÓRICO NA MAÇONARIA - 2 Vols - PRECOSO!
 7. DIC. DOS SÍMBOLOS E RITOS - 1.500 Páginas - 3.ª Edição - Clássica - ENCADERNADO!

COMPRAS: (51) 3022-8989 / 9242-3387
+ de 80 ANOS DE QUALIDADE !!
 ☆ SANSKRITYTUS ☆

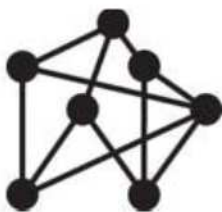
CULTURA

Inconformismo criativo





ESPECIAL BIENAL



Inaugurada ontem e em cartaz até o final de novembro, em Porto Alegre, a 7ª Bienal do Mercosul se ancora na ideia de que todo aquele que cria tem papel decisivo na dinâmica da cidade

EDUARDO VERAS

Malgrado o sucesso da última Bienal do Mercosul (2007), exposição saudada como estimulante, bonita e coerente, e malgrado o sucesso da edição anterior (2005), também ela muito engenhosa, há uma crise no chamado "modelo Bienal". Mostras mais tradicionais têm expicitado suas deficiências e se valem do próprio momento de sua apresentação pública para colocar isso em xeque. Discute-se a necessidade – ou não – da representação por países, da autoridade dos curadores, da pertinência dos temas e dos conceitos norteadores, da espetacularização dos megaeventos e dos massivos investimentos financeiros em algo que, a rigor, não serve para nada (alguns artistas e críticos verdadeiramente sinceros alegam que o próprio da arte é ser inútil; ela serviria, no máximo, para a elevação espiritual do homem, sendo que isso, a elevação espiritual, é coisa muito além do luxo nas sociedades contemporâneas).

A Bienal de Veneza, mãe de todas as Bienais, cuja primeira edição conta mais de 110 anos, foi das primeiras a se autoindagar. Faz mais de cinco anos tentou discutir seu modelo a partir do conceito de "plataforma". A Bienal de São Paulo, abalada por uma questão extraconceitual (uma estúpida crise financeiro-administrativa), quis trazer à tona sua condição, no ano passado, deixando vazio um andar inteiro do Pavilhão Cicillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera. Terminou conhecida como a "Bienal do Vazio" e, infelizmente, não viu avançar a troca de ideais que propunha.

Em Porto Alegre, os curadores decidiram entrar de forma

O artista como um sujeito crítico

original no questionamento do "modelo Bienal". Escolhidos no ano passado, por meio de uma concorrência livre, aberta a interessados do mundo inteiro, a crítica argentina Victoria Noorthoorn e o artista chileno Camilo Yáñez perguntaram-se como seria uma Bienal curada inteiramente – ou quase que inteiramente – por artistas. Chamaram para trabalhar com eles outros oito curadores, todos artistas, três deles brasileiros. Tomaram como norte a noção de que aquele que cria é um potencial produtor de reflexão. Mais do que isso: os artistas teriam um importante papel a desempenhar. Poderiam colaborar, de forma efetiva, no cotidiano, promovendo uma "necessária atribuição de sentido crítico".

– O artista é um ator social – sintetiza Victoria.

Dito de outra forma, talvez a arte não seja tão inofensiva, ou tão inútil, como supunham alguns.

À noção de que o artista é um sujeito que pensa criticamente a realidade, os curadores somaram o desejo de tornar público o processo de criação das obras de arte. Imaginaram sete exposições, que se desdobram umas das outras e que, de diferentes maneiras, dizem respeito ao que seria o ato inventivo (*confira uma síntese de cada mostra na página ao lado*). Uma delas privilegia o desenho, partindo do princípio de que o desenho seria o meio mais direto e mais rápido para comunicar as ideias de um artista. Outra apresenta obras que vão se alterando ao longo dos 45 dias da Bienal. Outra volta o foco para peças que podem ser vistas como incompletas ou inacabadas: só se realizam pela adesão do público, são apenas o índice de algo ainda por fazer ou, o contrário disso, funcionam como o registro de algo que já passou.



MUDANDO COM VOCÊ.

50

anos

ESCALA



FOTOS ADRIANA FRANCO

O artista colombiano Gabriel Sierra, 34 anos, montou uma instalação no Armazém A4 do Cais do Porto sugerindo uma alusão aos dias da semana. Percorrendo uma espécie de labirinto de vidro entre cortinados escuros, o visitante poderá se imaginar reproduzindo – no espaço – o fluxo de tempo de uma semana. Sierra fez questão de que os vidros fossem mantidos sujos, recobertos de poeira e marcas de mãos

Desenho das Ideias

Essa exposição, com curadoria de Victoria Noorthoorn, uma das curadoras-gerais da 7ª Bienal, trata de sugerir diálogos entre artistas de diferentes épocas e diferentes países. Estão lá, nos dois andares do Margs, tanto nomes históricos do arte moderna quanto expoentes da arte contemporânea.

Biografias Coletivas

Com curadoria do artista chileno Camilo Yáñez, um dos curadores-gerais da Bienal, essa mostra é anunciada como uma “investigação visual” na qual o processo criativo funcionaria como uma “ferramenta de transformação”. Está no Armazém A5 do Cais do Porto de Porto Alegre.

Ficções do Invisível



No Armazém A4 do Cais, também com curadoria de Victoria Noorthoorn, reúne artistas que colocam em cena sua própria relação com o processo criativo. Inclui uma instalação concebida pela cenógrafa Daniela Thomas, em que são aproveitados rejeitos de outros ambientes criados por ela, e uma estrutura fósil – geometrizada – desenhada pelo jovem artista inglês Ryan Gander (foto acima).

Absurdo

Com curadoria da brasileira Laura Lima, essa mostra foi concebida para quase flutuar sobre dunas de areia. São obras em diferentes suportes – vídeos, objetos eletrônicos, gravura – que valorizam a estranheza e a instabilidade. No Armazém A3 do Cais. Com obras de nomes de destaque da arte contemporânea brasileira, como Marcellys L e Cabelo.

Texto Público

Curada pelo brasileiro Artur Lescher, esta exposição baseia-se no diálogo com a cidade. O Armazém A6 é, sobretudo, um ponto de referência. Algumas das experiências mais vivas dessa mostra são intervenções no espaço urbano. Foi prevista, por exemplo, uma iluminação especial que pretende tornar mais visíveis pontos estratégicos da Capital.

A Árvore Magnética

Com curadoria do artista chileno Mario Navarro, esta mostra baseia-se na ideia de que a obra de arte seria um “lugar de investigação permanente”. Em razão disso, o Armazém A6 privilegia peças que vão se transformar pelo menos 10 vezes cada uma ao longo dos 45 dias da Bienal.

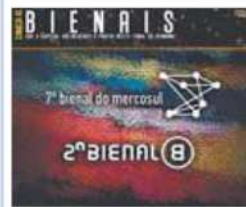
Projetáveis

No Santander Cultural, sob curadoria do artista e sociólogo argentino Roberto Jacoby, esta é talvez a mais aberta das exposições da Bienal. Apresenta 19 obras de 25 artistas, selecionados por meio de inscrições públicas (concorreram mais de 800 candidatos de mais de 50 países, incluindo Irã e Iraque). São peças que foram obrigatoriamente levadas ao Santander por meio da internet.



ZERO.HORA.COM

Em gráfico, em www.zerohora.com, confira o mapa da Bienal e assista a vídeo com dicas sobre o que você não pode perder na edição deste ano.



ABERTA oficialmente nesta sexta-feira, a 7ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul fica em cartaz até 29 de novembro.

A VISITAÇÃO pode ser feita de terças a domingos, inclusive nos feriados, sempre das 9h às 21h.

ONDE IR: Margs (Praça da Alfândega, s/nº), Santander Cultural (Sete de Setembro, 1.028) e Armazéns do Cais do Porto (Avenida Mauá, 1.050), com entrada na altura da Avenida Padre Thomé.

A ENTRADA É FRANCA

O AGENDAMENTO de visitas de grupos e escolas deve ser feito pelo telefone (51) 3433-8476.

SITE OFICIAL:
www.bienalmercosul.art.br

HOJE, entre as atrações previstas, figuram a performance coletiva *Musicircus*, idealizada em 1967 pelo compositor John Cage. Será a partir das 17h no Armazém A7.

PATROCINADORES da Bienal: Gerdau, Petrobras, Santander Cultural, Banrisul, Grupo SLC, Refap e Secretaria Estadual de Educação.

APOIADORES: Grupo RBS, CEEE, Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, Iochpe Maxion, Crown Embalagens, Lojas Renner, Ferramentas Gedore, Sulgás, Panvel, Cultural, Vonpar, Procempa e Hotel Plaza São Rafael.

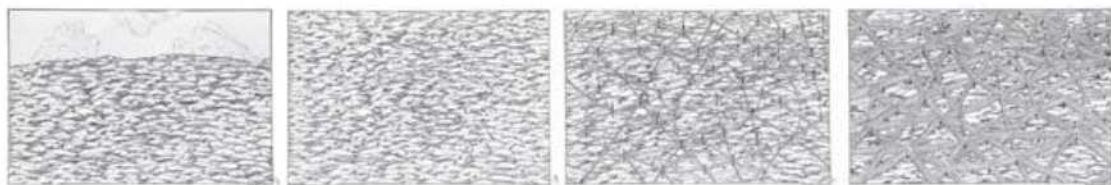
Sob o título de *Grito e Escuta*, a Bienal deve parecer – especialmente para aqueles que encaram a ambição de apreendê-la no seu todo – uma exposição um tanto fugidia, complexa. Os próprios curadores têm se valido de expressões como “sistema orgânico”. Também falam em “curadoria expansiva” e “estruturas não hierárquicas”. Elogiam o espírito transformador e inconformista da arte. Na prática, isso deve se expandir para além das mostras propriamente ditas. A Bienal prevê uma série de outros desdobramentos. Algo fincado em um armazém do Cais poderá surgir com outros contornos no Margs, no Santander Cultural ou em algum outro ponto da Capital ainda por definir, talvez o Parque Marinha do Brasil ou as imediações do Mercado Público. Não necessariamente o porto-alegrense será avisado que está diante de uma obra de arte. A Bienal prevê ainda outros desdobramentos, como publicações de livros, um programa de rádio (diariamente, às 22h, pela FM Cultura) e a visita a ateliês de artistas que, oficialmente, não fazem parte da Bienal.

Os curadores confiam que o público vai fruir com desenvoltura e interesse os diferentes aspectos da exposição.

– A Bienal pensa as obras como veículos de ideias sublinhadas por Victoria. – Na quantidade, a Bienal mantém a vontade de comunicar. O que vai ficar bastante notório é a diversidade de interesses, do artistas mais poético ao mais político. Há, em toda a Bienal, uma vontade de abertura, uma abertura a diferentes disciplinas. Não nos interessa fechar uma lista, mas as possibilidades de compartilhar.

A mostra tem entrada franca. Inaugura ontem, fica em cartaz até 29 de novembro.

☆ **LYVROS RAROS E PERDIDOS??** ☆
LYVROS PRECIOSOS??
COLEÇÕES RARAS DESAPARECIDAS??
ENVIE SEUS PEDIDOS PARA:
sanskryttus@pop.com.br
F:(51)3022-8989/9242-3387
 Mais de 50.000 OBRAS ESPECIAIS NO ACERVO.
 DE 80 ANOS DE TRADIÇÃO E CREDIBILIDADE.
 ENTREGA GRÁTIS P/ LETRINHAS DOS JORNALS RBS (RS E SC)
 SEMPRE ENVIE SEU FONE P/ AGILIDADE NAS ENCOMENDAS!



ESPECIAL BIENAL

Para olhar bem de perto e em silêncio

A exposição “Desenho das Ideias” — austera, elegante e quase toda ela em preto e branco — discute as possibilidades criativas, políticas e bem-humoradas dos traços de 38 diferentes artistas

Sé *Grito e Escuta* é o título geral desta 7ª Bienal, se esses dois temas dão o norte para a exposição no seu todo, o prédio do Margs certamente está reservado para a “escuta”. Nada fala muito alto na mostra montada no palacete da Praça da Alfândega. Tudo ali tende ao silencioso. Nas partes e no todo, *Desenho das Ideias* é uma exposição quase austera, grande parte dela em preto e branco. Exige um visitante que se faça desacelerado, contemplativo, que se disponha ao detalhe, aos pormenores, com tempo de sobra para uma serena perscrutação.

A curadoria é de Victoria Noorthoorn, crítica e pesquisadora argentina que é também uma das curadoras-gerais da Bienal. Ela partiu da noção de que o desenho seria o meio que comunica com maior transparência e de forma mais imediata o pensamento inventivo dos artistas. Escolheu 38 nomes, de diferentes países, de outros continentes. Selecionou um chinês, uma alemã, dois belgas e três norte-americanos. Também tratou de combinar nomes já históricos da arte moderna (século 20) com figuras de relevo da arte contemporânea (anos 1960 em diante). Nesses diferentes paralelismos, buscou, menos que contrapontos, algumas possíveis conversações.

Ela não chega a admitir que o Margs seja a melhor entrada para a 7ª Bienal, uma Bienal um pouco complexa e difícil de apreender no seu todo, com mostras que vão se desdobrando umas das outras, com ramificações na forma de programas de rádio, intervenções no espaço urbano ou publicações de livros. No entanto, os responsáveis pelo agenciamento das visitas de escolas admitem. Sugerem aos professores que comecem por ali a tentativa de aproximação com a Bienal. Victoria, no máximo, reconhece que *Desenho das Ideias* abre uma espécie de panorama sobre o processo criativo, *leitmotiv*

do evento. Em alguma medida, certas imagens em exibição no museu vão se relacionar com obras que estão em outros pontos da Bienal e da cidade.

— É como uma caixa de ressonância — compara a curadora.

Vozes distintas se cruzam por ali. O viés às vezes é político. Às vezes, vai pelo caminho do humor. Às vezes, mistura ambos. Em outros momentos, a conversa se dá em torno de aspectos formais. Artistas de diferentes lugares e de diferentes épocas resolveram questões parecidas de forma semelhante, sem que provavelmente um tenha visto o trabalho do outro. A curadora coloca lado a lado, por exemplo, ilustrações soturnas — e muito caprichadas — do belga James Ensor (1860 – 1949) e desenhos do carioca Oswald Goeldi (1895 – 1961), mestre brasileiro da xilogravura, aqui tratando do tema da morte. Em outra sala, aparecem juntos um dos pioneiros da performance no Brasil, o arquiteto e artista plástico fluminense Flávio de Carvalho (1899 – 1973), e o papa da arte postal brasileira, o pernambucano Paulo Bruscky, 60 anos, que, desde pelo menos a década de 1970 é nome de referência do conceitualismo na América Latina.

— Eles colocam em dúvida a ordem do real — entusiasma-se a argentina.

Nesse mesmo espírito de mostrar a chamada “arte sobre papel” (desenhos e gravuras), a direção do Margs reservou três salas para si. Vai exibir algumas preciosidades de seu próprio acervo: Kathe Kolwitz, Lygia Pape e Regina Silveira, entre outros.



Catarinense radicado em Porto Alegre, Walmor Corrêa apresenta, aos moldes dos naturalistas dos séculos 17, 18 e 19, estudos sobre animais que provavelmente não existem

Elogio às da ciência

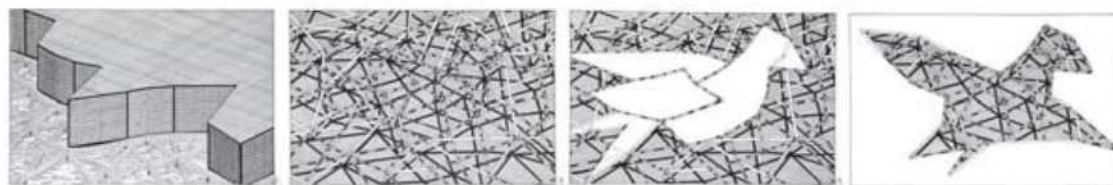
O estatuto de “verdade” que a gente costuma atribuir à ciência e o estatuto de “imaginação” que, em geral, se combina à arte são cuidadosamente embaralhados pelo artista plástico Walmor Corrêa na série de desenhos que ele apresenta na 7ª Bienal do Mercosul, no segundo andar do Margs, em Porto Alegre, dentro da exposição *Desenho das Ideias*.

Nascido em Santa Catarina e radicado desde a adolescência no Rio Grande do Sul, o artista de 48 anos já fizera esse exercício em séries anteriores, apresentadas em mostras como a 26ª Bienal de São Paulo, em 2004. Ali, à moda dos artistas viajantes dos séculos 17, 18 e 19, com desenhos muito minuciosos de inspiração naturalista, ele oferecia estudos anatômicos de criaturas fantásticas, imaginadas por ele mesmo (como um improvável cruzamento de beija-flor com morcego) ou pinçadas do imaginário popular (como o Curupira).

Na série para a Bienal, em uma grande estante de madeira, ele apresenta 25 livros em que refaz os ani-



O mestre argentino León Ferrari, 89 anos, personalidade ao mesmo tempo polêmica e muito estimada em sua terra natal, aparece nesta Bienal com seus desenhos em que textos escritos se dissolvem em garatuñas



Em desenhos dos anos 1970, Milton Machado encontra pássaros no mapa da cidade

LETÍCIA REMÍÃO, DIVULGAÇÃO



incertezas

mais descritos pelo naturalista alemão Hermann von Ihering (1850 – 1930), pesquisador que viveu no Rio Grande do Sul na última década dos anos 1800. Walmor escolheu apenas os textos em que Ihering corrigia observações de naturalistas que vieram antes dele ou aqueles em que ele próprio cometia erros, se não erros, anotações que, aos olhos contemporâneos, podem parecer incorretas ou imprecisas. Seria o caso, por exemplo, da descrição de um “tatu de rabo curto” ou de um “gambá com duas vaginas”. Conforme conferências que o artista fez com pesquisadores do Departamento de Biociências da UFRGS e da Fundação Zoobotânica, Ihering estaria provavelmente referindo-se a um tatu acidentado, mutilado (e não a uma espécie desconhecida). No caso da fêmea do gambá, teria, possivelmente, confundido o marsúpio com um órgão sexual.

– Me interessa – diz Walmor – a flexibilidade dos textos científicos. Mais do que tudo, o que me chama atenção são as não certezas da ciência.

De volta aos delírios subversivos dos anos 70

Ao ser convidado a participar da 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, o artista carioca Milton Machado, 62 anos, imaginou que a curadora da mostra *Desenho das Ideias* queria que ele fizesse – especialmente para a exposição – uma nova obra, talvez um vídeo ou uma grande escultura. A argentina Victoria Noorthoorn estava interessada, porém, nos desenhos que ele produzia 30 anos atrás.

Depois de uma longa revisão, Machado e Victoria acabaram selecionando tanto os estudos fantásticos que ele, arquiteto de formação, realizara aos tempos do seu Mestrado em Planejamento Urbano, quanto uns desenhos muito bem-humorados em que ele desmontava e remontava objetos, ou ainda aqueles em que se arriscava na linguagem das histórias em quadrinhos. Em uns e outros, aparecia, por vezes, alguma conotação política, alusiva ao regime militar no Brasil.

Uma revista, editada por ele, inclusive lhe valeu um interrogatório nos anos 1970.

– Eu estava passeando com a minha namorada pelo Jardim Botânico do Rio, quando decidimos ultrapassar uma área fechada e acabamos abordados por um grupo de militares. Só depois fui descobrir que tínhamos invadido uma residência do Geisel (*Ernesto Geisel, então presidente da República*). Fomos presos, e a polícia revistou meu apartamento. Encontraram por lá exemplares da revista, que reunia trabalhos de 14 artistas (*inclusive do gaúcho Carlos Vergara*). Tive que explicar uma a uma as histórias, na tentativa de provar que elas não eram subversivas – recorda o artista. – Bem, algumas delas eram...

O visitante da mostra *Desenho das Ideias* terá a chance de conferi-lo por si mesmo. Dois exemplares da publicação estarão em exibição no segundo andar do Margs.

CRISTIANO SANT'ANNA, INDICEFOTO.COM, DIVULGAÇÃO



Oswaldo Goeldi (1895 – 1961) é um dos maiores artistas brasileiros do século 20, reconhecido sobretudo pelo seu trabalho em xilogravura, técnica em que se produz imagens a partir de cortes e recortes em uma superfície de madeira. Na 7ª Bienal, na mostra “Desenho das Ideias”, ele aparece com ilustrações em que, com alguma irreverência, aborda o quase sempre sombrio tema da morte

FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL, DIVULGAÇÃO

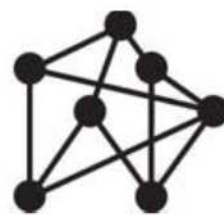
No segundo andar do Margs, na parede em frente às gravuras e aos desenhos do belga James Ensor, a Bienal apresenta – pela primeira vez no Brasil – a obra do artista chinês Yun-Fei Ji. Nascido em Pequim, em 1963, ele vive em Nova York. Seu extenso currículo inclui a participação na prestigiada Bienal do Whitney e prêmios na Inglaterra e na Itália. Sua obra ancora-se em grande parte na tradição chinesa de representação da paisagem





ESPECIAL BIENAL

Uma bem-vinda expectativa



Professora da UFRGS, autora de uma tese de doutorado sobre a Bienal, revisa as seis primeiras edições e aposta que esta poderá ser a mais plural e a mais política de todas

BIANCA KNAAK *

Nos meses que antecederam esta Bienal do Mercosul, Porto Alegre e algumas cidades do Sul do Brasil viveram momentos ímpares de preparação, antecipando em boa medida o que veremos até 29 de novembro. Sob o místico número 7, a edição de 2009 inaugura-se renovando e inovando o modelo secular de bienais, iniciado pela Bienal de Veneza em 1895.

Um saudável clima de festival envolveu sua programação preparatória e antecipou a diversidade das experiências vindouras. Foram múltiplas ações que se estendem no tempo, com repercussões para muito além de suas exposições. Atividades de participação não hierárquica, envolvendo muitas pessoas, não exclusivamente artistas e especialistas, sempre de forma pró-ativa e inclusiva. Muito desse perfil repousa na curadoria-geral do evento, encaminhada por um grupo de artistas, dado inédito na história das Bienais do Mercosul.

Em suas declarações, os atuais curadores reafirmam propostas relacionais para a arte

contemporânea, uma tendência internacional, enfatizando as possibilidades de construção social intersubjetiva e driblando o pragmatismo do consumo indiscriminado que transforma tudo em mercadoria. Para compreendermos a radicalidade política e pedagógica dessa curadoria, façamos uma breve retrospectiva das edições anteriores, entendidas aqui – entre acertos e desacertos – como lastros para cada nova edição.

Em 1997, para sua edição inaugural, o curador Frederico Moraes propunha a reescritura da História da Arte sob uma ótica não euro-norte-americana. Objetivo ousado e contra-hegemônico, seu projeto trouxe a Porto Alegre obras e artistas basilares para uma prospecção da arte latino-americana, na sua maioria pela primeira vez. Além disso, lançava com competência e generosidade a base histórica legitimadora para uma Bienal do Mercosul.

As duas edições seguintes, ambas curadas por Fábio Magalhães e Leonor Amarante, investiram no desdobramento das questões da identidade e contemporaneidade na arte, sobretudo frente às imbricações próprias de um contexto que globaliza o planeta economicamente, sintonizando e aproximando pessoas e culturas, com destaque nesse processo para o alcance das novas tecnologias. Confirmando esse propósito, destacamos a mostra especial sobre arte e tecnologia da 2ª Bienal (incluindo retrospectiva de Julio Le Parc) e a homenagem póstuma ao artista multimídia Rafael França, realizada na 3ª edição.

Na 4ª Bienal, intitulada *Arqueologias Con-*

temporâneas, o curador Nelson Aguilar propôs uma leitura das condições artísticas em solo americano, desde as culturas pré-colombianas. Evidenciava-se, naquele momento, a transversalidade de subjetividades num mundo ocidentalizado e matizado por trânsitos, fluxos e influências, incontornáveis para a compreensão da produção artística recente.

Uma nova recuperação histórica e prospectiva se organizou na Bienal de 2003. Sob a curadoria-geral de Paulo Sérgio Duarte, naquela 5ª edição as “Histórias do Espaço e do Tempo” permitiram um novo balanço da cena artística regional, porém em franco diálogo com a produção internacional. Foi nessa Bienal que os gaúchos foram saudados pelo número recorde de participações, inclusive entre o comitê curador: 14 artistas e três curadores-adjuntos. Naquele momento, firmava-se a Bienal do Mercosul tanto como plataforma de afirmação regional quanto de inserção internacional de seus artistas e agentes.

Mas é na 6ª Bienal que a curadoria revela seu poder de construção crítica e pedagógica. A menor em número de espaços, artistas e obras foi também a maior em repercussão local, nacional e internacional. Sob um projeto, a meu ver, extremamente qualificado e competente, Gabriel Pérez-Barreiro inverte a perspectiva de uma apresentação da arte do Mercosul para um diálogo mais pontual e reflexivo sobre arte – a partir do Mercosul. Porto Alegre torna-se assim um lugar de onde se vê e interage com o mundo e não mais um sítio localizador de procedências da arte para o mundo.

Premiada pela Unesco e aplaudida pelo Ministério da Cultura, a ação educativa das Bienais do Mercosul sempre foi a menina dos olhos da Fundação Bienal, e é na 6ª edição que se introduz a curadoria pedagógica, assumida com destaque também pela edição atual. Esse esmero prioritário coincide com as expectativas de retorno social, ensejadas pelas políticas públicas de fomento das artes e da cultura. Afinal, sem as leis de incentivo fiscal vigentes, nos âmbitos federal e estadual, o evento não se viabilizaria e nem teria o perfil que o distingue entre seus congêneres.

A Bienal do Mercosul, por sua capacidade de reinvenção e crescente sucesso serve de exemplo para outras iniciativas do gênero. Recentemente “o modelo gaúcho de gestão” inspira a recuperação institucional da própria Bienal Internacional de São Paulo, a segunda mais antiga no “mapa-múndi das artes”, fragilizada por uma sucessão de ocorrências que emergiram ao longo da Bienal do Vazio, como ficou conhecida a edição de 2008.

Por tudo isso, Porto Alegre, e por que não dizer o mundo, espera com curiosidade e especulações que, pelas apostas reveladas de sua curadoria efervescente (sem mencionarmos as iniciativas paralelas, como foi a Bienal B, em 2007), tem tudo para ser, neste momento, a mais plural, transversal, política e relacional das Bienais do Mercosul.

* Doutora em História pela UFRGS, com tese sobre a Bienal do Mercosul, professora adjunta do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes

FOTOS ADRIANA FRANCIOSI



Na exposição “A Árvore Magnética”, no Armazém A6 do Cais do Porto de Porto Alegre, o artista chileno Cristóbal Leyth exhibe os desenhos que ele fez em seu ateliê, em Nova York, imaginando como seriam os brasileiros. No interior de um grande caixotão branco, sob luz vermelha, Leyth apresenta os objetos que ele associa à orla do Guaíba: restos de redes de pesca, que o visitante poderá espiar por uma janelinha



Um pretexto para convencer seu pai a lhe levar até a Bienal é lembrar a ele que eis aí uma chance de ficar de frente para o Guaíba



Eu quero ir!!!

Chegou o fim de semana e tem uma nova Bienal do Mercosul em Porto Alegre. Bienal, você lembra, é aquela exposição de arte contemporânea que se realiza de dois em dois anos – daí o nome dela, “bienal”. A Bienal, isso você também já sabe, oferece uma porção de mostras ao mesmo tempo.

As maiores, desta vez, estão nos armazéns do Cais do Porto. Uma delas foi montada em cima de uma porção de cômodos de areia. Outra, no meio de cortinas pretas muito grandes, que ficam serpenteando feito cobras dentro do galpão.

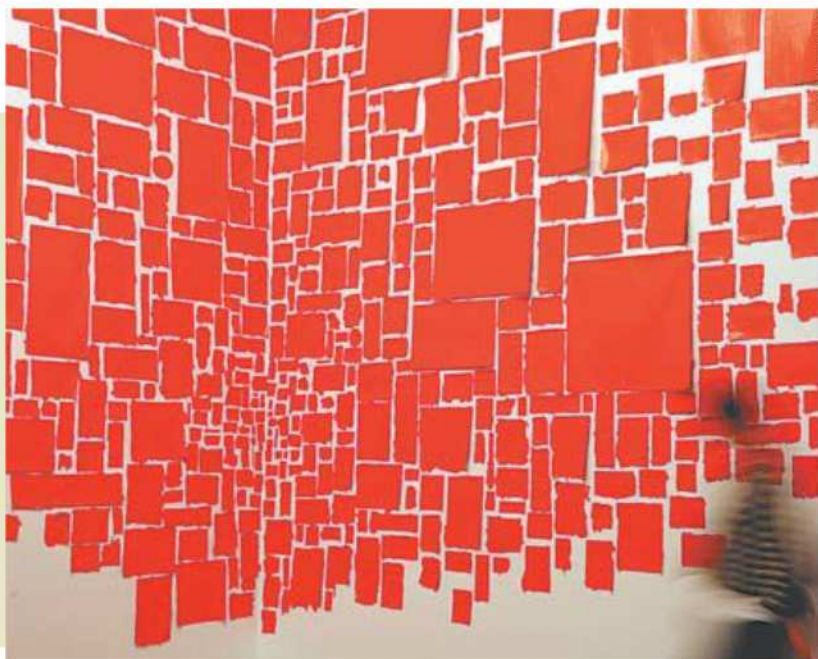
Ali, tem de tudo: vídeos, moscas-robôs, uma van inteira feita só com restos de madeira e do tamanho de uma van de verdade e até uma arqui-bancada, que dá vista para o Guaíba.

Esse pode ser um bom argumento para convencer os seus pais a levar a turma toda até lá. Os pais às vezes estão cansados ou com preguiça, mas você pode lembrá-los de que eis aí uma chance de ficar de frente para o Guaíba, do outro lado do muro da Mauá, perto de obras de arte.

Algumas delas são divertidas. Outras, bem provocativas. Querem fazer a gente deixar de moleza e botar a cabeça para pensar. Arte, ensina a Bienal, pode deixar o mundo menos acomodado.

A 7ª Bienal do Mercosul está no Cais do Porto, no Santander Cultural e também no Margs, na Praça da Alfândega.

Um dos trabalhos mais bacanas do museu é esta série de papeizinhos vermelhos. No verso de cada papel, tem um segredo ou uma lembrança que o artista mexicano Abraham Cruzvillegas quis levar para a Bienal. Ele quis levar, mas não quis entregar os segredos. Por isso, virou todos para a parede. Não pode mexer!



ADRIANA FRANCOISI



Participe da história da sua Universidade.

A Restauração dos prédios históricos já começou.

Contribua para que mais prédios possam ser restaurados.

Acesse www.predioshistoricos.ufrgs.br e faça uma doação*.

Você decide o valor. É fácil e rápido.



Ministério da Cultura



Secretaria do Patrimônio Histórico



PENSAR NO FUTURO É FAZER NO PRESENTE
3308 3016 | 3308 4216 | www.predioshistoricos.ufrgs.br

*Sua contribuição poderá ser descontada no Imposto de Renda. Limite de até 6% para pessoa física e de 4% para pessoa jurídica.



Troca-se arte por desejos

Artista francês propõe ao público da Bienal um escambo entre esculturas de madeira realizadas por comunidades carentes e os objetos reais que as peças representam

O artista plástico francês Nicolas Floc'h oferece ao porto-alegrense a chance de levar uma obra de arte para casa e, ao mesmo tempo, quase no mesmo gesto, participar de uma ação social: o colecionador poderá ajudar uma comunidade despossuída na materialização de um desejo. Para o visitante, o ponto de partida pode ser o Armazém A5 do Cais do Porto de Porto Alegre, onde se apresenta a mostra *Biografias Coletivas*.

Ali, há uma série de objetos feitos em madeira – desde camisetas, em que ripas foram pregadas umas às outras, sugerindo a forma de algo para vestir, até o que seria uma van, passando por um teclado, um microfone, grande variedade de pincéis, rolos e baldes de tinta. Tudo em madeira e em tamanho real, equivalente ao dos objetos representados.

Essas esculturas aludem às aspirações mais sinceras de moradores de três diferentes comunidades da capital gaúcha. Durante a Bienal, as peças estarão disponíveis para trocas. Digamos que o leitor tenha se interessado pela guitarra cuidadosamente construída com retalhos de madeira por jovens do Morro da Cruz, assinada por eles e por Floc'h, com um timbre que alude à sétima edição da Bienal. Basta fazer uma reserva dessa peça até 25 de novembro pelo e-mail agrandetroca@bienalmercosul.art.br e, no dia 29 daquele mês, data de encerramento

da Bienal, levar até o local uma guitarra de verdade. O objeto real – concreto – será confiado à comunidade que o idealizou. Daí o título geral do trabalho: *A Grande Troca*.

Nascido em Rennes e radicado em Paris, Floc'h já havia realizado algo parecido no ano passado, no Chile. Lá, tratava de atender a anseios pessoais. Perguntava a moradores de um bairro miserável de Santiago o que cada um deles mais desejava. Em Porto Alegre, lançou a proposta em termos coletivos. No Morro da Cruz, conversou com jovens reunidos no centro comunitário do bairro. No Lami, com alunos, professores e funcionários de uma escola. No Centro, com representantes da chamada Comunidade Autônoma Utopia e Luta (antiga sede do INSS na Avenida Borges de Medeiros que foi invadida em 2005, durante o Fórum Social Mundial, e que hoje, reconhecida oficialmente como "o primeiro prédio público do Brasil destinado à moradia popular", abriga 42 famílias).

Depois de debates e negociações, os garotos do Morro da Cruz optaram por uma bola, fardamento para futebol, goleiras e instrumentos para montar uma banda. Os meninos do Lami, queixando-se do isolamento e da falta de transporte coletivo (nem mesmo os ônibus da Bienal vão até lá para apanhar os estudantes), imaginaram uma van. O pessoal da Utopia e Luta decidiu-se por pintar a fachada do prédio – sonhando com o material e os equipamentos necessários para a empreitada.

SAIBA MAIS

Para conhecer a obra de Nicolas Floc'h, você pode acessar o site oficial do artista: www.nicolasfloch.net. A página apresenta reproduções de diferentes trabalhos do artista, incluindo cenas de filmes e imagens de instalações.

– Se fosse simplificar – medita o francês – diria que faço pintura e escultura. Mas o trabalho nunca é só um objeto.

Ele planeja realizar em 2010 novas edições de *A Grande Troca* nas periferias de Paris e Bruxelas.



Com madeira reciclada, sobras da Bienal de 2007, Nicolas Floc'h criou com jovens do Morro da Cruz réplicas do que eles mais querem: camisetas de futebol

Passo seguinte foi, com a ajuda de Floc'h e um marceneiro, criar réplicas em madeira desses objetos de desejo. Conta o artista que ele e o assistente procuraram interferir minimamente. Limitavam-se a comentários ou, no máximo, ajudavam a resolver alguma figura em caso de impasse.

– Eu queria que eles estivessem independentes – conta Floc'h, em um português surpreendentemente caprichado. – Queria que se aproximassem do percurso cotidiano de um artista, que tivessem a percepção do que é fazer um trabalho. Acredito que, no final, se sentiram orgulhosos por ter feito o que fizeram.

Foi quase um mês de trabalho, como parte das chamadas "residências de artistas", dentro do projeto educativo da 7ª Bienal. Nas oficinas, reciclou-se a madeira que havia restado da última edição da mostra, de 2007. No Lami, perto de 200 pessoas acompanharam a discussão das peças. No Morro da Cruz, 40. A todo tempo, Floc'h fazia questão de advertir os envolvidos de que, na prática, não haveria garantias quanto à efetivação das permutas. Diz ele que a troca é desejada, seria bem-vinda, mas talvez nem seja o mais importante.

– O importante é a experiência – diz. – A base disso tudo pode parecer absurda ou utópica. Mas, se há alguma mensagem, para além da própria experiência, é a ideia de que podemos imaginar coisas que nos parecem impossíveis e podemos, de fato, realizá-las.

Argumenta o artista que, de um lado e de outro, nunca estarão apenas objetos:

– Digamos que alguém troque uma guitarra de verdade pela guitarra de madeira. A guitarra que esse jovem vai tocar no Morro da Cruz estará para sempre carregada de uma memória. De certa forma, foi ele quem fez a guitarra.